

CI-
DADE DESIGN
PENSAMENTO ARQUI-
TETURA OBJETOS HABITAR
QUOTIDIANO CASA MUSEU PAS-
SADO FUTURO CONSTRUÇÃO INO-
VAÇÃO TRADIÇÃO LIBERDADE PATRI-
MÔNIO URBANO CIÊNCIA ARTE NORMA
RIGOR GEOMETRIA ESPAÇO PROJETO
CONFORTO FUNÇÃO SEGURANÇA CON-
VÍVIO IDENTIDADE CULTURA REMODE-
LAÇÃO CENOGRAFIA CRIATIVIDADE
CIDADE DESIGN PENSAMENTO ARQUI-
TETURA OBJETOS HABITAR QUOTI-
DIANO CASA MUSEU PASSADO
FUTURO CONSTRUÇÃO INO-
VAÇÃO TRADIÇÃO LIBER-
DADE PATRIMÔNIO
URBANO

OBRAS INCOMPLETAS

CARLOS NUNO LACERDA LOPES

CIÊNCIA AR-
TE NORMA RIGOR GEO-
METRIA ESPAÇO PROJETO
CONFORTO FUNÇÃO SEGURAN-
ÇA CONVÍVIO IDENTIDADE CULTU-
RA REMODELAÇÃO CENOGRAFIA CRIA-
TIVIDADE CIDADE DESIGN PENSAMENTO
ARQUITETURA OBJETOS HABITAR QUO-
TIDIANO CASA MUSEU PASSADO FUTU-
RO CONSTRUÇÃO INOVAÇÃO TRADIÇÃO LI-
BERDADE PATRIMÔNIO URBANO CIÊNCIA
ARTE NORMA RIGOR GEOMETRIA ESPAÇO
PROJETO CONFORTO FUNÇÃO SEGURAN-
ÇA CONVÍVIO IDENTIDADE CULTURA RE-
MODELAÇÃO CENOGRAFIA CRIATIVI-
DADE CIDADE DESIGN PENSAMENTO
ARQUITETURA OBJETOS HABITAR
QUOTIDIANO
CASA MUSEU
PASSADO FU-
TURO CONS-
TRUÇÃO
INOVAÇÃO
TRADIÇÃO
LIBERDA-
DE PATRI-
MÔNIO
URBA-
NO CIÊN-
CIA ARTE
NORMA
RIGOR
GEOME-
TRIA ES-
PAÇO
PROJE-
TO

DRAFT
BOOKS

Título
OBRAS INCOMPLETAS

Autor
Carlos Nuno Lacerda Lopes

Edição
DraftBooks® | Porto
Rua da Bandeirinha, n.º 92-6

Design Gráfico
DraftBooks®

Impressão
Orgal

ISBN
978-989-8573-03-2

Depósito Legal
378628/14

COPYRIGHT © 2014, Carlos Nuno Lacerda Lopes
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

SUMÁRIO

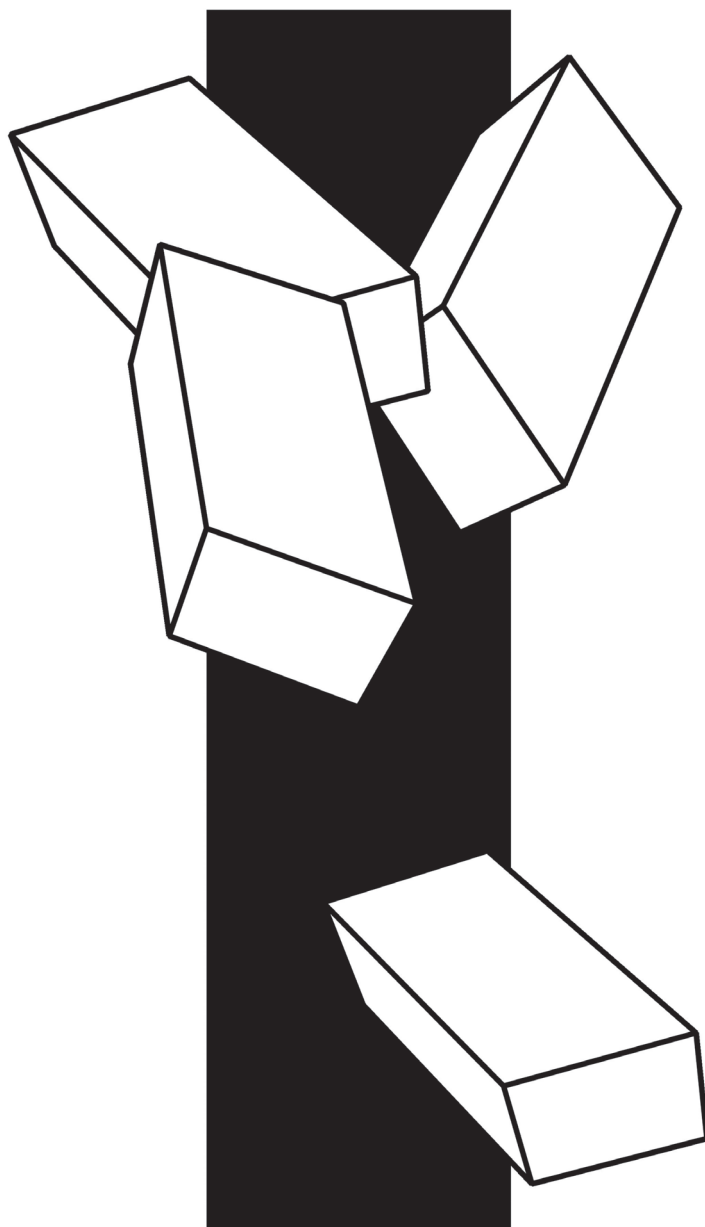
Introdução	7
Fragmentos	13
Do PENSAMENTO e do desenho	15
Casa(mento)s sem desejo	39
Saber ver a cidade	53
O novo design e a transformação dos modos de habitar	67
A casa e o museu	89
Cinco razões para rever a Expo98	97
Os espaços para a nossa velhice	107
Do habitar	123
Do passado recente para uma memória futura	137
Living and working by the sea	151
Ao ar fresco e num mundo são!	163



Introdução

[Obras incompletas]

8



Introdução

Dá-me licença?

*“Quando eu morrer voltarei para buscar os instantes
que não vivi junto do mar”.*

9

(Sophia de Mello Breyner)

A seleção e a organização de um conjunto de textos escritos em diferentes ocasiões, com diferentes propósitos e em diferentes contextos; alguns editados ou reinterpretados ao longo de vários anos, versando diferentes temáticas, consideradas em algum momento importantes, pode demonstrar, mais do que uma esperada unidade discursiva, uma perigosa ideia de divergência que, mais do que esconder, procuramos aqui explorar.

Não se trata por isso de uma simples compilação, ou de uma reunião de distintas abordagens sobre um tema, nem são espelho de um modo de ver único e imutável. E, apesar de não se encontrarem organizados por uma ordem cronológica, também não existiu a tentação de os dispor por temas ou matérias, antes foram considerados os diferentes tempos indicadores e condicionadores da ação.

“*Obras incompletas*” é, no fundo, a metáfora do complexo processo de pensamento, de criação, do projeto seguido da construção e depois, mais tarde, na ocupação, apropriação e transformação da obra que o arquiteto realiza quando exerce a sua atividade profissional, transformando um desejo, uma encomenda, uma vontade, numa obra, edifício ou lugar para habitar.

Em arquitetura uma obra implica metodologia, domínio tecnológico e teoria de suporte. O processo da sua criação não pode ser um “*barco à deriva*”, ao “*sabor das ondas*”, aparentemente “*sem direção*”, como disse Siza. No entanto, não podemos olhar apenas para “*uma só estrela*”, porque, tal como ontem, os caminhos do homem continuam a não ser únicos nem precisos e as obras, tal como os textos, também não. Nessa medida estão sempre incompletas, são registos, hipóteses abertas à mudança, à ocupação, a um apropriar único e impreciso, algo permanentemente por acabar ou, se pretendermos, por confrontar, por habitar.

Por isso, estas “Obras incompletas” que propomos não procuram traduzir ou acrescentar qualquer teoria. Poderemos ir até em sentido contrário, mais próximo de Perder Teorias que Enrique Vila-Matas nos oferece; como sentido e como desafio para uma vida, para uma obra única que se quer sempre incompleta. Tal como «*não há escritores que não estejam inseridos numa cadeia ininterrupta de escritores*» (Gracq, 1958), podemos assegurar que não há arquiteturas e arquitetos fora dessa intemporal e ininterrupta cadeia de arquiteturas que dão suporte a todas as obras que a atualidade premeia.

Mais do que um discurso fechado acerca de um tema específico do projeto, da arquitetura ou da construção, o que este conjunto de textos explora é um ideal de confronto, de dúvida e de constante conflito entre os diferentes tempos da arquitetura, dos seus caminhos e dos princípios que a constroem e se experimentam, das suas impossibilidades e também das pequenas conquistas que, por vezes, se alcançam.

